

Contrabando farmacológico na Amazônia

Octavio Mello Alvarenga

• Ignoro se tem fundamento a notícia, já publicada, de que a substância básica do Viagra provém da Amazônia brasileira, sendo velha conhecida dos índios ianomani. A notícia não despertou maior interesse. O que tem merecido destaque na mídia são as decorências dos efeitos do bom comportamento masculino associado à falha de certa pílula feita de farinha crinosamente distribuída no mercado brasileiro como anticoncepcional e responsável por várias gravidezes indesejadas.

Juntando os dois fios dessa obstétrica meada, (potência masculina ampliada e receptividade feminina equivocada) chego à dedução lógica de que, se os ianomani estão ajudando na emergência andropáusica, talvez possam fazer o mesmo (se é que já não o fazem) no caso da contracepção por método químico. É fato bastante conhecido que os índios têm poucos filhos. Adotam uma "linha chinesa" de controle da natalidade, por razões que nossa razão ibérica desconhece. Métodos? Plantas? Chás? Não sou especialista na matéria e infelizmente minha consultora Berta Ribeiro já não pode responder consultas.

Uma coisa é certa: os predadores da Amazônia, que recentemente receberam uma estocada de mestre de Israel Klabin, em nome dos que predicam a fi-

losofia do desenvolvimento sustentável, esses predadores fazem uma parceria antinacional, nem sempre evidente, com laboratórios farmacêuticos que importam matéria-prima e conhecimentos armazenados há milênios pelas tribos amazônicas.

Uma imensa quantidade de drogas oriundas da Amazônia, ou fabricadas com produtos daquela região, retornam ao Brasil como produtos importados de outros países, onde estão os sanguessugas de riquezas botânicas e biológicas essenciais para variados tipos de remédios. Assumo o risco de parecer considerado jurássico-nacionalistóide, alheio ou contrário ao ritmo da globalização, tomando-se ao pé da letra que apenas o mercado deve se encarregar de premiar os mais competentes. No caso, o primeiro prêmio e *hors concours* deveria ser atribuído aos indígenas, assim mencionados pela Comissão de Desenvolvimento e Meio Ambiente para a Amazônia, a propósito da biodiversidade de plantas, animais e *germ plasm*: "Os índios têm de fato conhecimento de milhares de maneiras de utilizar plantas nativas, ou não, há centenas de anos. Têm também conhecimentos sobre condições ambientais que serão peças chaves para atender futuras necessidades de toda Humanidade."

Existe imensa bibliografia sobre a Amazônia e várias publicações especializadas alusivas à

sua floresta, rios, biodiversidade, agroflorestamento, impactos ambientais, sistemas de culturas, políticas de ocupação etc. Alguns mitos amazônicos continuam dando voltas ao mundo, como o do "pulmão do mundo", alegoria científica inconsistente, de difícil reversão. Da Amazônia também veio a *ayahuasca*, uma beberagem alucinatória, cujo elemento principal, a *banisteriopsis caapi*, extraída de um cipó macerado, foi adotada como elemento agilizados de rituais ecléticos, nos quais elementos da natureza são invocados com outros da hagiologia cristã.

Fatos e feitos da maior seriedade farmacológica, nem sempre amazônicos, porém ligados à rica flora brasileira, encontram em vários centros de pesquisa úteis resultados para enfermidades. É o que se dá, por exemplo, no Instituto Agrônomo do Paraná, responsável por uma série de conclusões sobre plantas que poderiam ser empregadas no combate à dengue, como a cironela; ou a espinheira-santa, no tratamento de úlceras. Em Telemaco Borba, no Nordeste daquele estado, uma empresa de produtos florestais, já adotou com sucesso um programa de fitoterapia, responsável por 70% dos 10 mil atendimentos médicos que hoje realiza por ano. Programas administrativos que visem à valorização de nossa flora devem ser adotados, com urgência, concomitantemente à melhoria

dos conhecimentos técnicos, visando à comercialização.

A explosão demográfica na Amazônia, que mereceu reportagem de capa do último número da "Newsweek", é focalizada pelo ângulo desapiedado de um olho fotográfico que denuncia miséria, sujeira e violências numa capital, como Manaus, enquanto a opereta "A Viúva Alegre" era levada no teatro que recorda a época áurea da borracha. "A terra que o mundo gosta de imaginar como um Éden equatorial" diz a revista, "agora enfrenta um pouco celebrável perigo: a explosão urbana".

Levas de imigrantes, que em duas décadas elevaram a população regional de 6 para 17 milhões de habitantes, abrem as trilhas da favelização em massa. Despontou ali uma bomba anti-ecológica; quem diria?

Tornou-se hábito tudo ser explicado e justificado como decorrência da globalização. Isso poderá, em breve, levar os frequentadores do Santo Daime a comprar *ayahuasca* nas drogarias, como medicamento *made in USA*. Pode-se até imaginar o ministro José Serra abrindo inquérito, após ouvir o protesto de membros a seita, por terem comprado garapa em vez de *ayahuasca*.

OCTAVIO MELLO ALVARENGA é presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.
E-mail: snafagram@ax.ibase.com.br

o livro
06/07/95
58

21